

**ECONOMIA**

Falta de competências digitais é uma desvantagem competitiva para trabalhadores e empresas

16.07.2020 às 15h57



Nesta conversa sobre "O Futuro das Qualificações Digitais", moderada pelo diretor adjunto do Expresso David Dinis, participaram, além de João Santos (na imagem), Carmo Palma, Paula Panarra, Pedro Dominginhos e Rogério Carapuça

Projetos Expresso. A importância de uma maior aposta na formação e requalificação, bem como do reforço da cooperação entre o sistema de ensino e as empresas são fatores chave para uma transformação digital de sucesso. Estas foram algumas das principais conclusões do debate que juntou o Expresso e a APDC sobre “O Futuro das Qualificações Digitais”.

FRANCISCO DE ALMEIDA FERNANDES

PUBLICIDADE



**Postdoctoral
Junior Leader
Fellowships**
— **Call 2021** —

**Are you
looking for
a Postdoctoral
fellowship?**

Apply now

 

A

pesar de Portugal ter vindo, ao longo das últimas décadas, a evoluir de forma positiva e a convergir com a média europeia no que à capacidade de inovação e preparação dos seus trabalhadores diz respeito, existe ainda um

longo caminho a percorrer para garantir que o país consegue ultrapassar a revolução digital com sucesso. Questões fundamentais como a melhor preparação dos conteúdos lecionados no sistema de ensino, maior autonomia das pessoas na sua requalificação e um reforço da cooperação entre a academia e as empresas estão entre as principais armas para diminuir as desvantagens competitivas em relação aos parceiros europeus.

“O Futuro das Qualificações Digitais”, que esteve no centro do debate promovido esta quinta-feira pela APDC em parceria com o Expresso, procurou mostrar o que tem sido feito e o que pode ser melhorado. A conversa, moderada pelo diretor-adjunto do Expresso David Dinis, contou com a participação de Carmo Palma, managing director da Axians Portugal; João Santos, especialista da Comissão Europeia para assuntos ligados ao Emprego, Questões Sociais e Inclusão; Paula Panarra, diretora-geral da Microsoft Portugal, Pedro Dominginhos, presidente do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos; e Rogério Carapuça, presidente da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento das Comunicações (APDC).

Conheça as principais conclusões do debate:

“PORTUGAL TEM DADO SALTOS INACREDITÁVEIS”

- João Santos sublinha que o país tem indicadores positivos na “conectividade e acesso à banda larga”, que têm permitido ao Estado criar cada vez mais serviços públicos digitais em comparação com a média europeia.
- Por outro lado, “Portugal está relativamente mal” no European Skill Index, nomeadamente no que respeita à utilização eficiente das competências adquiridas durante o percurso escolar e na sua transposição para o mercado de trabalho. “Se uma pessoa tira um curso de relações internacionais e depois vai trabalhar para um supermercado, é evidente que existe uma ineficiência na utilização das competências”, reforça.
- Apesar do país continuar atrás da média europeia (1,9% contra 3,6%, de acordo com o DESI 2020) no número de licenciados em TIC, Pedro Dominginhos prefere destacar a evolução portuguesa nos últimos dois anos. “Passámos de 1,2% para 1,9%, o que significa que diminuámos o gap em cerca de 50%” em relação à UE, diz, e atribui a responsabilidade à estratégia consertada entre as instituições de ensino superior e empresas no âmbito do projeto nacional INCODE.

REFORÇAR A INCLUSÃO

- Garantir que a maioria da população tem competências digitais elementares é essencial para garantir uma maior inclusão social, não só no acesso aos serviços públicos digitais, como a melhores oportunidades de emprego e, consequentemente, melhores salários.

- As qualificações digitais permitem “a possibilidade de tornar a distância e o território menos limitador nas atividades económicas” e tornam possível que um trabalhador produza para qualquer parte do mundo a partir do interior do país, melhorando o desenvolvimento territorial.
- Para Rogério Carapuça, no entanto, “o problema de Portugal não é a infraestrutura” tecnológica e de comunicação, mas antes a forma como as pessoas e as empresas a utilizam. “Sabemos usar a nossa infraestrutura para aceder à internet para falar com outros, mas não fazemos isso para ganhar dinheiro”, critica.
- “É obrigatório termos competências digitais”, defende Carmo Palma, que apela a que os trabalhadores sejam proativos no investimento na formação ao longo da vida e na requalificação para que seja possível acompanhar as mudanças aceleradas no mundo.

COOPERAÇÃO É A PALAVRA DE ORDEM

- “800 milhões de pessoas em todo o mundo terão de adquirir, na próxima década, novas competências”, atesta Paula Panarra, pelo que a aposta numa formação mais adequada às necessidades das empresas é fundamental.
- João Santos não tem dúvidas de que é urgente garantir “uma cooperação muito maior” entre o sistema de educação e o mundo do trabalho para dar experiência de campo aos alunos. Um dos objetivos da Comissão Europeia, explica, é atingir “60% dos alunos da formação profissional ter uma experiência real no mercado de trabalho”.
- Pedro Dominginhos dá como exemplo o projeto UPSkill, “construído numa lógica de parceria” com o tecido empresarial, que incentiva a formação profissional e as empresas a contratar estas pessoas com um salário mínimo de 1200 euros. A colaboração é essencial, sublinha.

PUBLICIDADE



Expresso
Liberdade para pensar.

**O ACESSO A INFORMAÇÃO
CREDÍVEL É CADA VEZ
MAIS IMPORTANTE**

**LEIA O EXPRESSO ONDE
QUISER E EM SEGURANÇA.**

**ASSINE AQUI POR
APENAS 6€/MÊS**

Relacionados



Teletrabalho significa “boas oportunidades para o país e para as pessoas”



Covid-19 reforça urgência da requalificação

Conteúdo Patrocinado



Folheto de Tecnologia e Electrodomésticos com promoções até 35%! Até 30/07.

EL CORTE INGLÉS



A descoberta chocante de um estudante português

Descoberta



Com a nossa app, comprar e vender online nunca foi tão fácil. Faça aqui o download!

custojusto.pt

MAIS ARTIGOS